

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

177

INSCRIÇÕES 670-672



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UM *COLARNUS* EM MOIMENTA DA BEIRA

Em 2003, no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Moimenta da Beira (que ainda não houve oportunidade de ultimar), foi identificada uma epígrafe, de granito, reaproveitada no pavimento da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Granja dos Oleiros (freguesia de Vila da Rua, município de Moimenta da Beira).

A inscrição apresenta grandes desgastes e a moldura que a rematava desapareceu quase por completo, permitindo, à primeira vista, apenas uma leitura hipotética e muito incompleta; no entanto, através de um método adequado – o chamado método bicromático – foi possível evidenciar as letras gravadas.

Desconhece-se donde a estela possa ter vindo e não se encontraram referências à sua existência. A primeira notícia do achado foi dada, aliás, na edição de 28 de Novembro de 2008, do jornal local *Jornal Beirão*, por José Carlos de Jesus Santos, que aproveitou o ensejo para tecer sobre o achado algumas considerações relativamente à importância histórica e documental deste tipo de monumentos.

Na coluna «Crónica-Arqueologia», que José Carlos Santos mantinha no blogue Moimentanet, voltou a chamar a atenção para o monumento e foi essa local que viria a ser utilizada para a inserção do texto, sob o n.º de registo 25 019, na HEpOL, uma base de dados informática – acessível em <http://eda-bea.es/> – que procura reunir todas as informações sobre epígrafes da Hispânia romana. É esse texto que ora aqui se retoma, na medida

em que, atendendo ao que atrás se mencionou, ainda se não fez o necessário estudo epigráfico do monumento, dele havendo apenas notícias.

Dimensões: 85 x 42 x ?

BALBVS / MANI(i) / F(i)lius COLAR/NVS · AN(norum)
/ LXX (septuaginta) TRIT/EVS F(i)lius · PA/TRI · SVO /
[F(aciendum) C(uravit)] [?]

Balbo, filho de Mânio, Colarno, de 70 anos. Triteu, o filho, (mandou fazer?) a seu pai.

Altura das letras: 6/7. Espaços interlineares: 2/3.

O *ordinator* procurou ocupar todo o espaço disponível, paginando, por consequência, com alinhamento à esquerda e à direita, embora não haja respeitado as regras silábicas, pois não era essa a sua preocupação. Foi possível recuperar vestígios da pontuação, por meio de pontos, e temos, no conjunto, uma grafia em caracteres actuários, dir-se-ia que desenhados à mão levantada, com certa largueza, se atendermos à grafia do M e dos NN, por exemplo. O A parece não apresentar travessão e o recurso ao nexu AN resulta comum.

O defunto vem identificado com um cognome latino, que — como se tem sublinhado no âmbito da epigrafia da Lusitânia— pode ter resultado de um dado concreto, uma vez que *balbus*, em Latim, significa ‘gago’. É nome bastante documentado entre os Romanos, já desde os tempos republicanos; Kajanto cita 79 testemunhos com base na recolha que fizera¹; mas, se procurarmos *Balbus* na base de dados, actualizada, <http://www.manfredclaus.de/gb/>, o número sobe a 110 para *Balbus*, 55 para *Balbi* (o antropónimo em genitivo) e 77 para *Balbo*, dativo ou ablativo, podendo, neste caso, registar-se mais do que uma referência à mesma personagem, pois houve, por exemplo, o cônsul *Q. Iulius Balbus*. Ou seja, atingir-se-á um número da ordem dos 200 testemunhos, o que é deveras significativo da popularidade deste

¹ KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 240.

nome. Segundo o *Atlas Antroponímico da Lusitânia*², foram então apenas 4 os registos encontrados na Lusitânia.

A identificação é feita à maneira indígena: o nome seguido do patronímico. Preferimos *Manius* a *Manus* para o nominativo do genitivo *Mani*, que é, anote-se desde já, a forma mais corrente nas epígrafes. Não admira, uma vez que, no início, exercia a função de *praenomen*³. Está o seu uso documentado nessa área da Lusitânia⁴. Inclui-o Kajanto entre os *cognomina* latinos (o. c., p. 173); contudo, Vallejo⁵ prefere considerá-lo «nombre indígena lusitano».

Ao filho foi dado um nome não muito comum⁶. *Triteus* é, na verdade, típico da Lusitânia, onde, até ao momento, detém exclusiva presença. Os autores atribuem-lhe, também por isso, uma etimologia pré-romana, relacionável com o cardinal três, uma variante do, mais comum, *Tritius*⁷.

Situamo-nos, pois, em ambiente mui recentemente aculturado – pela estrutura textual estamos, seguramente, na 1ª metade do século I da nossa era –, uma vez que o defunto vem, não sem orgulho, identificado como pertencente aos *Colarni*, grupo étnico que figura na conhecida e discutida inscrição da ponte de Alcântara⁸ e que, por isso mesmo, tem sido alvo de muitos estudos com vista à sua localização nesta zona da Lusitânia romana⁸. Também surge a grafia *Coilarni*; certo é que nunca se documentara numa epígrafe um colarno, o que dá a esta inscrição

² NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 114.

³ KAJANTO, o. c., p. 40.

⁴ 9 testemunhos mencionados no *Atlas* (p. 225, mapa 187), 4 dos quais na *civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha).

⁵ VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 346-347.

⁶ No *Atlas* (p. 324, mapa 304), 6 testemunhos, todos desta área da Lusitânia.

⁷ VALLEJO, O. C., p. 434-435; ALBERTOS FIRMAT (M^a Lourdes), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 234.

⁸ VAZ, João L. Inês, «Povos pré-romanos da Lusitânia: O caso dos Coilarnos», in GORGES, Jean-Gérard e NOGALES BASARRATE, Trinidad [edit.], *VII Table ronde sur la Lusitanie Romaine. Naissance de la Lusitanie Romaine (I av. J. C. - I ap. J. C.)*, Toulouse : Université de Toulouse-Le Mirail, 2010, p. 101-115.

valor documental de primeira plana. É que, se este monumento, como pode crer-se, foi encontrado na área do município de Moimenta, não era aí que os Colarnos deverão localizar-se, pois, numa comunidade (para usar um exemplo dos nossos dias), só é conhecido como «o alentejano» quem veio de fora e não está, por isso, em meio de alentejanos e assim os demais o distinguem. Segundo João L. Inês Vaz preconizou, esse povo estaria por perto sim, mais a noroeste, e a sua «capital» poderia ter sido Lamego⁹.

Ter morrido com 70 anos é, seguramente, uma «força de expressão» para indicar que morreu em idade avançada. Sabe-se do hábito que os Romanos tinham de arredondarem por lustros a idade.

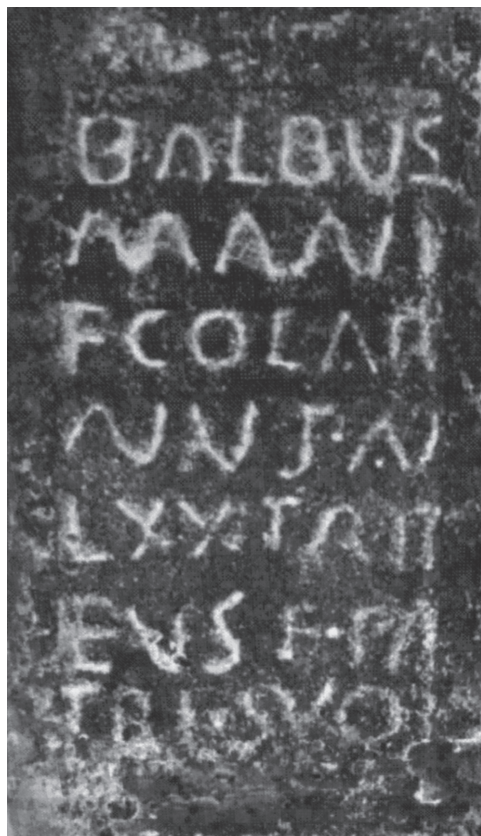
O pleonasma de *Triteus* se identificar como *filius* quando manda gravar o epitáfio ao pai realça não apenas o laço de parentesco, mas também a dor sentida, que a presença do adjectivo possessivo «seu» ainda mais acentua.

Estamos, por conseguinte, perante um documento epigráfico de elevado valor histórico e bom seria que as entidades competentes envidassem esforços para que fosse retirado do chão e levado para local onde a sua importância pudesse ser devidamente apreciada.

JOSÉ CARLOS SANTOS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁹ VAZ, João L. Inês, *Lamego na época romana, capital dos Colarnos*, Lamego, Outubro/2007.



672